

*Frédéric Martel*

# No armário do Vaticano

## Poder, hipocrisia e homossexualidade

TRADUÇÃO  
Artur Lopes Cardoso



Copyright © 2019 by Frédéric Martel  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Sodoma: Enquête au cœur du Vatican

*Capa*  
Claudia Espínola de Carvalho

*Foto de capa*  
Holloway / Getty Images

*Preparação*  
Carolina Vaz  
Liciane Corrêa  
Pedro Staite

*Revisão*  
Ana Maria Barbosa  
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Martel, Frédéric  
No armário do Vaticano : poder, hipocrisia e homos-  
sexualidade / Frédéric Martel ; tradução Artur Lopes  
Cardoso. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Objetiva, 2019.

Título original: Sodoma : Enquête au cœur du  
Vatican.

ISBN 978-85-470-0086-8

1. Homossexualidade – Aspectos religiosos – Igreja  
Católica 2. Homossexualidade – Aspectos religiosos  
– Cristianismo. 3. Homossexualidade – Vaticano 4.  
Homossexuais cristãos 5. Pedofilia – Vaticano 6. Teologia  
Social I. Título.

19-26250

CDD-261.835766

Índice para catálogo sistemático:

1. Homossexualidade na Igreja Católica : Teologia  
social 261.835766

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia  
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ  
Telefone: (21) 3993-7510  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br  
facebook.com/editoraobjetiva  
instagram.com/editora\_objetiva  
twitter.com/edobjetiva

# Sumário

<i>Nota do autor e dos editores</i> .....	7
<i>Prólogo</i> .....	9

## PRIMEIRA PARTE: FRANCISCO

1. Domus Sanctæ Marthæ.....	19
2. A teoria de gênero.....	36
3. Quem sou eu para julgar?.....	63
4. Buenos Aires.....	79
5. O sínodo.....	91
6. Roma Termini.....	122

## SEGUNDA PARTE: PAULO

7. O Código Maritain.....	149
8. O amor de amizade.....	162

## TERCEIRA PARTE: JOÃO PAULO

9. Sacro Colégio.....	183
10. Os Legionários de Cristo.....	215
11. O círculo de luxúria.....	232
12. Os guardas suíços.....	244
13. A cruzada contra os gays.....	251
14. Os diplomatas do papa.....	277
15. Um casal estranho.....	304

16. Rouco.....	316
17. A filha mais velha da Igreja.....	330
18. A CEI.....	339
19. Os seminaristas.....	366

QUARTA PARTE: BENTO

20. Passivo e bianco.....	385
21. O vice-papa.....	412
22. Dissidentes.....	436
23. VatiLeaks.....	452
24. A abdicação.....	464
<i>Epílogo</i> .....	479
<i>Agradecimentos</i> .....	495

## Nota do autor e dos editores

*No armário do Vaticano* foi publicado simultaneamente em oito línguas e vinte países pelas seguintes editoras e grupos editoriais: Robert Laffont, na França; Feltrinelli, na Itália; Bloomsbury, no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Austrália. Foi publicado também pela Agora, na Polônia; pela Roca Editorial, na Espanha e na América Latina; pela Balans, na Holanda e na Romênia; e pela Sextante Editora, em Portugal. Na França, onde o livro foi publicado com o título *Sodoma*, o editor foi Jean-Luc Barré.

Este livro baseia-se em um grande número de fontes. Durante a pesquisa, que durou mais de quatro anos, foram ouvidas mais de 1500 pessoas, no Vaticano e em trinta países: entre elas, 41 cardeais, 52 bispos e *monsignori*, 45 núncios apostólicos e embaixadores estrangeiros e mais de duzentos padres e seminaristas. Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente, nenhuma por telefone ou e-mail. A essas fontes de primeira mão se junta uma vasta bibliografia com mais de mil referências, livros e artigos. Além disso, as pesquisas realizadas para este livro nesses trinta países mobilizaram uma equipe de oitenta investigadores, correspondentes, conselheiros, intermediários e tradutores.

Todas as fontes, as notas, a bibliografia, a equipe de pesquisadores e três capítulos inéditos, longos demais para figurarem aqui, encontram-se reunidos em um documento de trezentas páginas disponível para consulta on-line em: <[www.sodoma.fr](http://www.sodoma.fr)> (conteúdo em francês e inglês); serão publicadas também atualizações com o *hashtag* #sodoma na página de Facebook do autor: @fredericmartel; na conta do Instagram: @martelfrederic e no Twitter: @martelf.

## Prólogo

— É membro da paróquia — sussurrou o prelado, ao ouvido, num tom conspirador.

O primeiro a usar uma mensagem cifrada comigo foi um arcebispo da Cúria Romana.

— Sabe, é muito praticante. É membro da paróquia — insiste em voz baixa, falando dos hábitos de um célebre cardeal do Vaticano, antigo ministro de João Paulo II, que conhecemos bem, tanto ele como eu. Antes de acrescentar: — E, se lhe contasse o que sei, você não ia acreditar!

E, é claro, falou.

Vamos nos deparar várias vezes, neste livro, com esse arcebispo, o primeiro de uma longa lista de padres que me descreveram a realidade que eu pressentia, mas que muitos tomarão como ficção. Um conto de fadas.

— O problema é que, se eu disser a verdade sobre o “armário” e as amizades particulares no Vaticano, ninguém vai acreditar. Dirão que é inventado, porque, aqui, a realidade ultrapassa a ficção — revelou um padre franciscano que trabalha e também mora no interior do Vaticano há mais de trinta anos.

No entanto, foram muitos os que descreveram a mim esse “armário”. Alguns ficaram inquietos em relação ao que eu ia divulgar. Outros revelaram os segredos aos sussurros e, depois, em voz alta, os escândalos. Outros ainda se mostravam loquazes, bastante loquazes, como se tivessem esperado por muitos anos para sair do silêncio. Mais de quarenta cardeais e centenas de bispos, de *monsignori*, padres e nuncios (os embaixadores do papa) aceitaram se encontrar comigo. Entre eles, alguns homossexuais assumidos, presentes todos os dias no Vaticano, fizeram com que eu me aprofundasse no seu mundo de iniciados.

Segredos de polichinelo? Boatos? Difamações? Sou como são Tomé: preciso ver para crer. Assim, precisei fazer uma longa investigação e viver em imersão na Igreja:

me hospedei em Roma, uma semana por mês, morando regularmente no interior do Vaticano graças à hospitalidade de altos prelados que, por vezes, também se revelavam membros “da paróquia”. E, em seguida, viajei por mais de trinta países, entre os cleros da América Latina, da Ásia, dos Estados Unidos e do Médio Oriente, e recolhi mais de mil testemunhos. Durante essa longa investigação, passei aproximadamente 150 noites por ano fazendo reportagens fora de casa, fora de Paris.

Durante esses quatro anos de pesquisa e abordagem a cardeais e padres, por vezes inacessíveis, nunca escondi a minha identidade de escritor, jornalista e investigador. Todas as entrevistas foram realizadas com o meu nome verdadeiro, e bastava aos meus interlocutores que fizessem uma breve pesquisa no Google, na Wikipédia, no Facebook ou no Twitter para que conhecessem os pormenores da minha biografia de escritor e repórter. Com frequência, esses prelados, pequenos e grandes, tentaram me seduzir recatadamente, e alguns deles, muito pouco constrangidos, ativa ou mais intensamente. Faz parte dos riscos da profissão!

Por que é que esses homens, habituados a manter o silêncio, aceitaram quebrar a omertà? É um dos mistérios deste livro e a sua razão de ser.

O que me disseram foi durante muitos anos indizível. Uma obra como esta dificilmente seria publicável há vinte anos ou mesmo apenas há dez. Durante muito tempo, os caminhos do Senhor permaneceram, se assim for permitido dizer, impenetráveis. Atualmente são menos, porque a renúncia de Bento XVI e a vontade de reforma do papa Francisco contribuíram para libertar a palavra. As redes sociais, a maior ousadia da imprensa e os inúmeros escândalos de “costumes” eclesiásticos tornaram possível, e necessário, revelar esse segredo nos dias de hoje. Como tal, este livro não aponta para a Igreja em geral, mas um “gênero” particular da comunidade gay; conta a história do componente majoritário do Colégio Cardinalício e do Vaticano.

Muitos cardeais e prelados que oficiam a Cúria Romana, a maioria dos que se reúnem em conclave sob os afrescos da Capela Sistina, pintada por Michelangelo — uma das cenas mais imponentes da cultura gay, povoada de corpos viris, rodeados pelos *Ignudi*, esses robustos efebos desnudados —, dividem as mesmas “inclinações”. Parecem uma “família”. Usando uma referência mais *disco queen*, um padre confessou: “*We are family!*”.

A maioria dos *monsignori* que usou da palavra na varanda da *loggia* de São Pedro, entre o pontificado de Paulo VI e o de Francisco, para anunciar tristemente a morte do papa ou para proferir, com uma franca alegria, *Habemus papam!*, tem um mesmo segredo em comum. *È bianca!*

Sejam eles praticantes, homossexuais, iniciados, não héteros, mundanos, versáteis, em dúvida, enrustidos ou estejam simplesmente no armário, o mundo que descubro, com as suas cinquenta sombras de gay, está além do entendimento. A história íntima desses homens, que projetam uma imagem de piedade, em público, e levam outra vida

privada, tão diferentes entre si, é uma meada difícil de desemaranhar. As aparências de uma instituição talvez nunca tenham sido tão enganadoras, e também enganadoras são as profissões de fé sobre o celibato e os votos de castidade, que escondem uma realidade totalmente diferente.

O segredo mais bem guardado do Vaticano não é segredo para o papa Francisco, que conhece a sua “paróquia”. Quando da sua chegada em Roma, compreendeu que precisava lidar com uma corporação bastante extraordinária no seu gênero e que não está limitada — como se julgou durante muito tempo — a algumas ovelhas negras. Trata-se de um sistema; e de um rebanho bem vasto. Quantos são? Não importa. Afirmemos apenas: representam a maioria.

De início, é claro, o papa foi surpreendido com a dimensão dessa “colônia maldicente”, com as suas “qualidades encantadoras” e os seus “defeitos insuportáveis”, de que fala o escritor francês Marcel Proust no seu célebre *Sodoma e Gomorra*. Mas o que é insuportável para Francisco não é tanto a homossexualidade tão disseminada, mas a hipocrisia vertiginosa dos que pregam uma moral estreita e ao mesmo tempo têm um companheiro, aventuras e, por vezes, acompanhantes pagos. Eis a razão pela qual ele fustiga sem descanso os falsos devotos, os santarrões, os falsos beatos. Francisco denunciou repetidas vezes, nas suas homilias matinais na Casa Santa Marta, essa duplicidade, essa esquizofrenia. A sua frase merece ser posta em destaque neste livro: “Por trás da rigidez, há sempre alguma coisa escondida; em inúmeros casos, uma vida dupla”.

Vida dupla? As palavras foram proferidas e, dessa vez, a testemunha é irrefutável. Francisco repetiu com frequência essas críticas a propósito da Cúria Romana: apontou com o dedo os “hipócritas” que levam “vidas escondidas e amiúde dissolutas”; aqueles que “maquiavam a alma e vivem de maquiagem”; a “mentira” erigida sistematicamente que provoca “muita dor, a hipocrisia provoca muita dor: é uma maneira de viver”. Façam o que eu digo, mas não o que eu faço!

Será necessário dizer que Francisco conhece aqueles a quem se dirige desse modo sem nomeá-los: cardeais, mestres de cerimônias papais, antigos secretários de Estado, substitutos, minutadores ou camerlengos. Na maioria dos casos, não se trata apenas de uma orientação difusa, de certa fluidez, de homossexualidade ou de “tendências”, como se dizia na época, nem sequer de sexualidade reprimida ou sublimada, todas elas também frequentes na Igreja de Roma. Muitos desses cardeais que “não amaram mulheres, apesar de cheios de sangue!”, como disse Rimbaud, são praticantes. Quantas voltas dou para dizer coisas tão simples! Que, ontem tão chocantes, são hoje tão banais!

Praticantes, certamente, mas ainda “no armário”. É inútil apresentar aqui aquele cardeal que aparece em público na varanda da *loggia* e que foi apanhado num escândalo,

rapidamente abafado, de prostituição; ou um cardeal francês que teve, durante muito tempo, um amante anglicano na Europa; ou ainda aquele que, durante a juventude, foi desfiando aventuras como uma freira desfia as contas do seu rosário; sem me esquecer daqueles que encontrei nos palácios do Vaticano e que me apresentaram o seu companheiro como o seu assistente, o seu minutor, o seu substituto, o seu motorista, o seu criado de quarto, o seu factótum ou até o seu guarda-costas!

O Vaticano tem uma comunidade homossexual que está entre as maiores do mundo, e duvido que mesmo no Castro, o bairro gay tão emblemático de San Francisco, hoje em dia mais misturado, haja tantos homossexuais!

No caso dos cardeais mais velhos, esse segredo deve ser procurado no passado: a juventude tempestuosa e os anos de libertinagem antes da libertação gay explicam a vida dupla e a homofobia à antiga. Ao longo da minha investigação, tive frequentemente a impressão de voltar no tempo e me ver nas décadas de 1930 ou 1950, que desconheço, com aquela mentalidade dicotômica de povo eleito e povo maldito, o que fez dizer a um dos padres com quem me encontrei frequentemente: “Benvenuto a Sodoma!”.

Não sou o primeiro a evocar esse fenômeno. Vários jornalistas já revelaram escândalos e casos no cerne da Cúria Romana, mas o tema da minha obra não é esse. Ao contrário desses vaticanistas, que denunciam “desvios” individuais, mas ocultam o “sistema”, é preferível nos preocuparmos menos com os casos desagradáveis do que com a vida dupla muito banal da maioria dos dignitários da Igreja. Deixando de lado as exceções e centrando-nos no sistema e no modelo (*the pattern*, como dizem os sociólogos americanos). Nos pormenores, certamente, mas também nas grandes leis — e haverá, como veremos, catorze regras gerais neste livro. O tema é a sociedade íntima dos padres, a sua fragilidade e o seu sofrimento ligado ao celibato forçado transformados em sistema. Não se trata, portanto, de julgar esses homossexuais, mesmo quando ainda se encontram no armário — gosto bastante deles! —, mas sim de compreender o seu segredo e o seu modo de vida coletivo. O que está em questão não é denunciar esses homens nem expor sua orientação sexual em vida. O meu projeto não é o de *namning and shaming* — denúncia e divulgação —, prática americana que consiste em tornar públicos os nomes para expor as pessoas. Que fique bem claro que, para mim, um padre ou um cardeal não deve ter a menor vergonha de ser homossexual; penso mesmo que deveria ser um estatuto social possível entre outros.

Todavia, impõe-se a necessidade de trazer a público um sistema construído simultaneamente, desde os menores seminários até o santo dos santos — o Colégio Cardinalício —, sobre a vida dupla homossexual e a mais vertiginosa homofobia. Cinquenta anos depois de Stonewall, a revolução gay nos Estados Unidos, o Vaticano é o último bastião a se libertar. A partir de agora, muitos católicos deduzem essa mentira, mesmo antes de ler as descrições deste livro.

Sem esta base de leitura, a história recente do Vaticano e da Igreja romana fica opaca. Ao ignorarmos a dimensão largamente homossexual, nos privamos de uma das principais chaves de compreensão da maior parte dos fatos que há várias décadas tem manchado a história da santa sé: as motivações secretas que incentivaram Paulo VI a ratificar a proibição dos métodos contraceptivos artificiais, o repúdio ao preservativo e a obrigação estrita do celibato dos padres; a guerra contra a “teologia da libertação”; os escândalos do banco do Vaticano na época do célebre arcebispo Marcinkus, também ele homossexual; a decisão de proibir o preservativo como meio de luta contra a aids, no preciso momento em que a doença faria mais de 35 milhões de mortos; os casos VatiLeaks I e II; a misoginia recorrente, e com frequência insondável, de inúmeros cardeais e bispos; a renúncia de Bento XVI; a guerra atual contra o papa Francisco... Em cada uma dessas vezes, a homossexualidade desempenha um papel central que muitos supõem, mas que nunca foi contado abertamente.

A dimensão gay não explica tudo, é claro, mas é uma questão decisiva para quem deseja compreender o Vaticano e as suas posturas morais. Podemos partir também da hipótese, embora não seja esse o tema deste livro, de que a homossexualidade feminina é um ponto importante para compreender a vida dos conventos, das religiosas em clausura ou não, das irmãs e das freiras. Por fim — infelizmente —, a homossexualidade é também uma das explicações do encobrimento institucionalizado de crimes e delitos sexuais que hoje em dia chegam a dezenas de milhares. Por quê? Como? Porque a “cultura do segredo” que era necessária para manter o silêncio sobre a forte ascendência da homossexualidade na Igreja permitiu que os abusos sexuais fossem escondidos e os predadores se beneficiassem, sem o conhecimento da instituição, desse sistema de proteção — embora a pedofilia também não seja o tema deste livro.

“Quantas máculas na Igreja”, disse o cardeal Ratzinger, que também descobriu a dimensão do “armário” num relatório secreto de três cardeais, cujo conteúdo foi descrito a mim e que constituiu uma das principais razões da sua renúncia. Esse relatório mencionaria menos a existência de um “lobby gay”, como foi dito, do que a onipresença dos homossexuais no Vaticano, as chantagens, os assédios erigidos em sistema. Existe realmente, como diria Hamlet, algo de podre no reino do Vaticano.

A sociologia homossexual do catolicismo também permite explicar outra realidade: o fim das vocações. Durante muito tempo, como veremos, jovens italianos que descobriam que eram homossexuais, ou que tinham dúvidas quanto à própria orientação sexual, escolhiam o sacerdócio. Assim, esses párias tornavam-se iniciados e transformavam uma fraqueza em força. Com a libertação homossexual da década de 1970 e a socialização gay nos anos 1980, as vocações católicas secaram naturalmente. Hoje em

dia, um adolescente gay tem outras opções, além da ordenação, mesmo na Itália. O fim das vocações tem múltiplas causas, mas a revolução homossexual é, paradoxalmente, uma de suas principais forças motrizes.

Essa matriz explica, por fim, a guerra contra Francisco. Nesse caso, para compreendermos, precisamos ser contraintuitivos. O papa latino-americano foi o primeiro a utilizar a palavra “gay” — e não apenas homossexual —, e podemos considerá-lo, se o compararmos com os seus antecessores, o mais *gay-friendly* dos sumos pontífices modernos. Houve palavras cuidadosamente escolhidas sobre a homossexualidade: “Quem sou eu para julgar?”. E podemos presumir que esse papa não tem nem as tendências nem a inclinação que foram atribuídas a quatro dos seus predecessores recentes. No entanto, em virtude precisamente do seu pretenso liberalismo quanto às questões de moral sexual, Francisco é alvo, hoje, de uma violenta campanha iniciada pelos cardeais conservadores que são muito homofóbicos — e, em sua maioria, secretamente homossexuais.

De algum modo, o mundo está do avesso! Podemos dizer até que haja uma regra tácita que se verifica quase sempre neste livro: quanto mais homofóbico é um prelado, mais provável que seja homossexual. Esses conservadores, tradicionalistas, esses *dubia* são, em muitos casos, os famosos “intransigentes que levam uma vida dupla” de que Francisco fala com tanta frequência.

“O carnaval acabou”, teria dito o papa ao seu mestre de cerimônias no exato momento da sua eleição. Em seguida, o argentino veio abalar os joguinhos de convivência e de fraternidade homossexuais que se desenvolveram às escondidas desde Paulo VI, ampliaram-se sob João Paulo II, antes de se tornarem ingovernáveis sob Bento XVI, precipitando possivelmente a sua queda. Com o ego tranquilo e a relação serena com a sexualidade, Francisco destoa. Não é da paróquia!

O papa e os seus teólogos liberais se deram conta de que o celibato dos padres havia falhado? Que se tratava de uma ficção que quase nunca corresponde à realidade? Adivinharam que a batalha lançada pelo Vaticano de João Paulo II e Bento XVI contra os gays já seria uma guerra perdida? E que agora se virava contra a Igreja à medida que cada um tomava conhecimento das reais motivações: uma guerra maquinada por homossexuais dentro do armário contra gays assumidos! Uma guerra entre gays, em suma.

Isolado nessa sociedade maledicente, Francisco está, no entanto, bem informado. Seus assistentes, colaboradores mais próximos, mestres de cerimônias e peritos em liturgia, teólogos e cardeais, de grupos em que os gays também são a maioria, sabem que no Vaticano a homossexualidade inclui tanto muitos dos chamados quanto muitos dos escolhidos. Eles de fato sugerem, quando questionados, que a Igreja se tornou sociologicamente homossexual ao proibir que os padres se casassem; e que, ao impor uma privação que vai contra as leis da natureza e uma cultura do segredo, é responsável, em parte, pelas dezenas de milhares de casos de abusos sexuais que a corroem por dentro.

Sabem também que o desejo sexual, e principalmente o desejo homossexual, é um dos principais motores e motivos que fazem a roda girar na vida do Vaticano.

Francisco tem consciência de que deve fazer as posições da Igreja evoluírem e que só conseguirá fazer isso pagando o preço de uma luta sem tréguas contra todos os que utilizam a moral sexual e a homofobia para esconder as próprias hipocrisias e a vida dupla. Mas aí está: esses homossexuais escondidos são na maioria poderosos e influentes e, no caso dos mais “intransigentes”, muito ruidosos em suas posições homofóbicas.

Eis o papa: ameaçado, atacado por todos os lados e geralmente criticado. Francisco, dizem, está “entre os lobos”.

Isso não é exatamente verdade: ele encontra-se entre as *malucas*.

Primeira parte

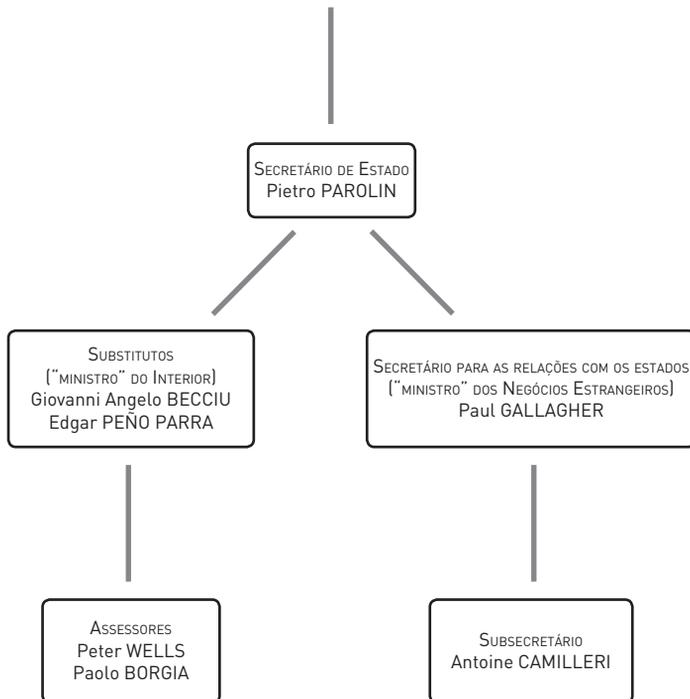
Francisco

CONGREGAÇÃO PARA  
A DOCTRINA DA FÉ  
Gerhard Ludwig MÜLLER  
Luis LADARIA FERRER

**FRANCISCO**

SECRETÁRIO PARTICULAR  
Fábian PEDACCHIO

*Desde 2013*



*\*Os quatro organogramas deste livro foram simplificados: alguns titulares de cargos, títulos e datas de função foram reduzidos ou omitidos por razões de legibilidade. Uma terceira seção da Secretaria de Estado foi criada em 2017.*

# 1. Domus Sanctæ Marthæ

“Boa noite”, diz a voz. “Queria te agradecer.”

Levando o polegar e o mindinho ao ouvido, Francesco Lepore reproduz, para mim, a conversa telefônica. Acaba de atender ao telefone, e a sua linguagem corporal parece tão importante agora quanto as palavras que o seu misterioso interlocutor pronuncia em italiano, com um forte sotaque. Lepore se recorda dos mais ínfimos pormenores da chamada:

— Foi no dia 15 de outubro de 2015, perto das 16h45, lembro muito bem. O meu pai tinha morrido havia pouco, uns dias antes, e eu me sentia sozinho e abandonado. Foi então que o meu celular tocou. Era um número desconhecido. Atendi no modo automático. “Alô?”, a voz continuou, “*Buona sera!* Aqui é o papa Francisco. Recebi a sua carta. O cardeal Farina me entregou em mãos, e estou ligando para dizer que fiquei muito comovido com a sua coragem, que a coerência e a sinceridade da sua carta me sensibilizaram.”

“Santo padre, eu é que estou comovido com a sua ligação; por ter tido o cuidado de me ligar. Não era necessário. Senti apenas uma necessidade de lhe escrever.”

“Não, é verdade, fiquei muito comovido com a sua sinceridade, a sua coragem. Não sei o que posso fazer para ajudá-lo agora, mas gostaria de fazer algo.”

Com a voz trêmula, Francesco Lepore, surpreso por um telefonema tão inesperado, hesita. Após um silêncio, o papa recomeçou: “Posso pedir um favor a você?”

“Que favor?”

“Quer rezar por mim?”

Francesco Lepore fica em silêncio.

— Por fim, respondi a ele que tinha parado de rezar. Mas que, se ele quisesse, podia rezar por mim — diz.

O papa explicou que já rezava por ele antes de ele pedir:

“Posso abençoá-lo?”

— Respondi afirmativamente a essa pergunta do papa Francisco, claro. Houve um breve silêncio, ele me agradeceu de novo e a conversa terminou assim.

Passado um momento, Francesco Lepore me disse:

— Sabe, não sou muito a favor desse papa. Não defendo muito Francisco, mas fiquei verdadeiramente sensibilizado com o gesto dele. Nunca falei sobre isso, guardei para mim, como um segredo pessoal e uma coisa boa. É a primeira vez que conto isso.

(O cardeal Farina, que entrevistei duas vezes no seu aposento do Vaticano, confirmou ter enviado a carta de Lepore ao papa e a autenticidade do telefonema de Francisco.)

Quando recebeu essa chamada, Francesco Lepore estava em ruptura com a Igreja. Tinha acabado de se demitir e ser, segundo a expressão consagrada, “reduzido ao estado laical”. O padre intelectual, que deixava os cardeais do Vaticano orgulhosos, abandonou a batina. Enviara havia pouco uma carta ao papa Francisco, uma garrafa lançada ao mar com muita dor, uma epístola em que conta a sua história de padre homossexual que se tornou tradutor de latim do papa. Para acabar com isso. Para reencontrar a sua coerência e sair da hipocrisia. Com o seu gesto, Lepore queimou os seus navios.

No entanto, essa chamada santa leva-o de volta, inexoravelmente, a um passado que quis esquecer, uma página que quis virar: o seu amor pelo latim e pelo sacerdócio; a sua entrada na religião; a sua ordenação como padre; a sua vida na residência Santa Marta; as suas amizades particulares com vários bispos e cardeais; as suas conversas intermináveis sobre Cristo e homossexualidade, sob a batina e, por vezes, em latim.

Ilusões perdidas? Sim, certamente. A sua ascensão foi rápida: um padre jovem nomeado para atuar com os cardeais mais prestigiosos e logo posto a serviço direto de três papas. Tinham ambições em relação a ele; prometeram-lhe uma carreira no palácio apostólico, talvez mesmo o episcopado ou, quem sabe, o traje purpúreo e o chapéu vermelho!

Isso foi antes da sua escolha. Francesco teve que decidir entre o Vaticano e a homossexualidade — e, ao contrário de inúmeros padres e cardeais que preferem levar uma vida dupla, optou pela coerência e pela liberdade. O papa Francisco não falou claramente sobre a questão gay na conversa, mas ficou claro que foi a honestidade do padre que o incitou a telefonar direto a Francesco Lepore.

— Ele me pareceu tocado pela história e talvez também pelo fato de eu ter revelado determinadas práticas do Vaticano, como os meus superiores haviam me tratado sem humanidade — há muitos protetores e muito *jus primae noctis* no Vaticano — e como tinham me abandonado assim que deixei de ser padre.

Mais significativo, o papa Francisco agradece especificamente a Francesco Lepore por ter privilegiado “a discrição” em relação à sua homossexualidade, uma forma de “humildade” e de “segredo”, em vez de uma pública e tonitruante saída do armário.

Algum tempo depois, o monsenhor Krzysztof Charamsa, um prelado que gravitava em volta do cardeal Ratzinger, será mais ruidoso, e a sua saída do armário, bastante divulgada pela mídia, suscitará uma violenta reação do Vaticano. O papa não telefonará a ele!

Compreendemos aqui a regra tácita de *No armário do Vaticano*: vale mais, para pertencer ao Vaticano, aderir a um código, o “código do armário”, que consiste em tolerar a homossexualidade dos padres e dos bispos, desfrutar dela, se for o caso, mas mantê-la em segredo sob quaisquer circunstâncias. A tolerância anda de mãos dadas com a discrição. E tal como Al Pacino em *O poderoso chefão*, nunca se deve criticar ou abandonar a sua “família”: “Nunca tome partido contra a família”.

Como viria a descobrir no decurso desta longa investigação, ser gay, no clero, consiste em fazer parte de uma espécie de norma. As únicas linhas a não ultrapassar são a da midiaticização ou a do ativismo. Ser homossexual no Vaticano é possível, fácil, banal e até incentivado; mas a palavra e a visibilidade são proibidas. Ser discretamente homossexual é fazer parte “da paróquia”; ser aquele que provoca o escândalo é se excluir da família.

À luz desse “código”, o telefonema do papa Francisco a Francesco Lepore faz agora todo sentido.

Meu primeiro encontro com Lepore foi no começo desta investigação, alguns meses antes da sua carta e da ligação do papa. Esse homem, mudo por profissão, tradutor discreto do santo padre, aceitou conversar de rosto descoberto. Eu tinha começado este livro havia pouco e não tinha muitos contatos no Vaticano. Francesco Lepore foi um dos meus primeiros padres gays, antes de dezenas de outros. Nunca poderia imaginar que, após ele, fossem tão numerosos os prelados da santa sé que se confessariam a mim.

Por que falam? Todo mundo faz confidências em Roma: os padres, os guardas suíços, os bispos, os inúmeros *monsignori* e, ainda mais do que os outros, os cardeais. Uns verdadeiros tagarelas! Todas essas eminências e essas excelências são muito linguarudas, se soubermos proceder, por vezes beirando a verborragia e, em todos os casos, a imprudência. Cada um tem as suas razões: para uns é por convicção, para participar na batalha ideológica feroz que se trava agora no âmago do Vaticano, entre tradicionalistas e liberais; para os outros é pela sede de influência e, convenhamos, por vaidade. Finalmente, outros ainda desabafam por azedume, por gosto pela maledicência e pelo mexerico. Os velhos cardeais só vivem de fuxico e de difamação. Lembram os clientes habituais dos clubes gays e dúbios da década de 1950, que cruelmente ridicularizavam

todas as pessoas, mundanos e malévolos, porque não assumiam a própria natureza. O “armário” é a sede da crueldade mais inverossímil.

Francesco Lepore queria sair desse meio e me disse imediatamente o seu verdadeiro nome, aceitando que as nossas conversas fossem gravadas e divulgadas.

No nosso primeiro encontro, organizado por um amigo comum, Pasquale Quaranta, jornalista do *La Repubblica*, Lepore chegou um pouco atrasado, por causa de uma greve de transportes. Tínhamos combinado de nos encontrar no segundo andar do restaurante Eataly, na Piazza della Repubblica, em Roma. Escolhi o Eataly, que surfa na onda do *slow food*, do comércio justo e do nacionalismo *made in Italy*, porque é um restaurante relativamente discreto, longe do Vaticano, onde é possível conversar à vontade. O menu propõe dez tipos de massas (bastante decepcionantes) e 73 tipos de pizzas, pouco compatíveis com a minha dieta *low carb*. Nos encontramos ali várias vezes, para longas conversas, quase todos os meses, regadas a espaguete *all'amatriciana* — o meu preferido. E em todas as vezes o antigo padre se animava e de repente começava a desabafar.

Na antiga fotografia, que me mostrou, um pouco amarelada, o colarinho clerical chama atenção, um branco leitoso sobre a batina negra: Francesco Lepore tinha acabado de ser ordenado padre. Tinha o cabelo curto bem penteado e o rosto barbeado; o oposto de hoje, ostentando uma barba generosa e a careca totalmente lisa. É o mesmo homem? O padre recalcado e o homossexual assumido são os dois rostos de uma mesma realidade.

— Nasci em Benevento, uma cidade da Campânia, um pouco ao norte de Nápoles — Lepore diz. — Os meus pais eram católicos não praticantes. Muito cedo, senti uma profunda atração pela religião. Eu adorava as igrejas.

Muitos padres homossexuais entrevistados descreveram essa atração. Uma procura misteriosa da graça. O fascínio pelos sacramentos, o esplendor do tabernáculo, a cortina dupla, o cibório e a custódia. A magia dos confessionários, cabines de voto fantasmagóricas pelas promessas que lhes estão ligadas. As procissões, os retiros espirituais, as auriflamas. E também as roupas festivas, os mantos, a batina, a alva, a estola. A vontade de desvendar o segredo das sacristias. E, depois, a música: as vésperas cantadas, a voz dos homens e a sonoridade dos órgãos. Sem esquecer dos genuflexórios!

Muitos também me disseram que encontraram na Igreja “uma segunda mãe”: e é de conhecimento geral quanto o culto, sempre irracional e autoeletivo, da santa virgem é um grande clássico para essa confraria. Mamãe! Inúmeros escritores homossexuais, de Marcel Proust a Pasolini, passando por Julien Green ou Roland Barthes, até Jacques Maritain, cantaram o amor-paixão pela sua mãe, efusão de coração que foi não só essencial, como também constituiu muitas vezes uma das peças-chave da autocensura (foram muitos, entre os escritores e os padres, aqueles que só aceitaram sua homos-

sexualidade após a morte da mãe). A mamãe, que sempre ficou fiel ao seu menino, retribuindo-lhe esse amor e cuidando do seu velho filho como se fosse a sua própria carne, compreendeu tudo, aliás.

Já Francesco Lepore quer seguir o caminho do pai:

— O meu pai era professor de latim, e eu quis aprender a língua para me aproximar deste mundo. — E continua: — Aprender latim com perfeição. E, desde os dez ou onze anos, quis entrar para o seminário.

Algo que faz contrariando a opinião dos pais: aos quinze anos, já quer abraçar a carreira eclesiástica.

Caminho clássico dos jovens padres: o seminário num liceu católico, depois cinco anos de graduação em filosofia e em teologia, seguidos dos “ministérios”, ainda chamados na Itália de “ordens menores”, com os seus leitores e acólitos, antes do diaconato e da ordenação.

— Eu me tornei padre aos 24 anos, em 13 de maio de 2000, no momento do Jubileu e da Parada do Orgulho Gay Mundial — resume Francesco Lepore, numa descrição surpreendente.

O jovem compreendeu muito rápido que o vínculo entre o sacerdócio e a homossexualidade não era contraditório, nem sequer ocasional, como havia pensado inicialmente.

— Sempre soube que eu era homossexual. Ao mesmo tempo tinha uma espécie de atração-repulsão por esse tipo de desejo. Evoluía num meio que considerava a homossexualidade intrinsecamente ruim; lia livros de teologia que a definiam como um pecado. Durante muito tempo, vivi a homossexualidade como uma espécie de culpa. A via que escolhi para sair disso foi negar essa atração sexual, transferindo-a para a atração religiosa: escolhi a castidade e o seminário. Virar padre era, para mim, uma espécie de solução para expiar uma falta nunca cometida. Durante os anos de formação na Universidade do Opus Dei, em Roma, me dediquei muito intensamente à oração, praticava a ascese, indo até os castigos corporais, tentando mesmo me tornar franciscano para viver a minha religião ainda mais intensamente, e conseguindo me manter casto durante cinco anos, sem sequer me masturbar.

O percurso de Francesco Lepore, entre pecado e mortificação, com essa necessidade lancinante de fugir aos desejos, pagando o preço das imposições mais penosas, é quase comum na Itália do século XX. Ali, a carreira eclesiástica foi, durante muitos anos, a solução ideal para muitos homossexuais que dificilmente assumiam sua orientação íntima. Dezenas de milhares de padres italianos julgaram sinceramente que a vocação religiosa era “a” solução para o seu “problema”. Esta é a primeira regra deste livro: *O sacerdócio foi, durante muito tempo, a escapatória ideal para os jovens homossexuais. A homossexualidade é uma das chaves da sua vocação.*

Vamos nos deter um pouco nessa matriz. Para compreendermos o percurso da maioria dos cardeais e de inúmeros padres com ao quais vamos nos deparar neste livro, precisamos partir desse processo de seleção, quase darwiniano, com uma explicação sociológica. Na Itália, foi mesmo uma regra durante muito tempo. Aqueles jovens afetados que se inquietavam quanto aos seus desejos, aqueles rapazes que sentiam algo a mais pelo melhor amigo e que eram ridicularizados por causa da voz afetada, aqueles homossexuais em busca um do outro sem querer se declarar, aqueles seminaristas que não estavam no bom caminho não tinham muitas opções na Itália das décadas de 1930, 1940 ou 1950. Alguns compreenderam precocemente, quase por atavismo, como fazer da homossexualidade sofrida uma força, transformar uma fraqueza em trunfo: tornando-se padres, o que lhes permitia retomar o poder sobre a própria vida, julgando responder ao chamamento duplo de Cristo e dos seus desejos.

Tinham outras opções? Numa cidadezinha italiana da Lombardia ou numa aldeia do Piemonte, de onde vêm muitos cardeais, a homossexualidade ainda é considerada, nos dias de hoje, o Mal absoluto. Pouco se compreende esse “infortúnio obscuro”; teme-se essa “promessa de um amor múltiplo e complexo”; receia-se essa “felicidade indizível e até insuportável”, citando Rimbaud. Entregar-se a ela, mesmo sendo discreto, seria escolher uma vida de mentira ou de censura; tornar-se padre, em contrapartida, aparece como uma forma de escapatória. Juntando-se ao clero, tudo se torna simples para o homossexual que não se assume: passa a viver entre rapazes e a usar túnicas; param de lhe perguntar sobre as namoradas; os colegas de escola, que já faziam piadas de mau gosto, ficam impressionados; estão de acordo com as honras, ele que era alvo de escárnio; junta-se a uma raça eleita, ele que pertencia a uma raça maldita; e a mamãe, repito, que compreendeu tudo sem dizer nada, incentiva essa vocação miraculosa. E sobretudo isto: a castidade com as mulheres e as promessas de celibato não assustam o futuro padre, muito pelo contrário; ele adere, com alegria, a essa imposição! Na Itália das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960, o fato de um jovem homossexual escolher a ordenação e essa espécie de “voto de celibato entre homens” fazia com que se sentisse inserido, portanto, na ordem, senão na força, das coisas.

Um monge beneditino italiano que foi um dos responsáveis da Universidade Sant’Anselmo, em Roma, me explicou a lógica:

– A escolha do sacerdócio foi antes de mais nada, para mim, o resultado de uma fé profunda e vital. Contudo, retrospectivamente, também a analiso como uma forma de ter a minha sexualidade sob controle. Sempre soube que eu era gay, mas foi só muito mais tarde, passados quarenta anos, que aceitei esse aspecto fundamental da minha identidade.

Claro que cada percurso é único. Inúmeros padres italianos me disseram que só tinham descoberto sua homossexualidade depois da ordenação ou quando começaram a trabalhar no Vaticano. São muitos aqueles que só deram esse passo bem mais tarde, depois dos quarenta anos de idade ou durante a década de 1970.

A essa seleção sociológica dos padres junta-se uma seleção episcopal, que ainda amplia o fenômeno. Os cardeais homossexuais privilegiam os prelados com inclinações homossexuais, que, por sua vez, escolhem padres gays. Os nuncios, os embaixadores do papa encarregados da seleção dos bispos, entre os quais a porcentagem de homossexuais atinge recordes, realizam, por sua vez, uma seleção “natural”. Segundo todos os testemunhos que recolhi, os padres que têm inclinações seriam privilegiados, quando essa homossexualidade é percebida. Mais prosaicamente, não é raro que um nuncio ou um bispo promova um padre que pertence “à paróquia” porque espera dele um favor qualquer.

É a segunda regra de *No armário do Vaticano: A homossexualidade se estende à medida que nos aproximamos do santo dos santos; há cada vez mais homossexuais quanto mais subimos na hierarquia católica. No Colégio Cardinalício e no Vaticano, o processo preferencial teria tido êxito: a homossexualidade torna-se a regra, a heterossexualidade, a exceção.*

Comecei realmente a escrever este livro em abril de 2015. Uma noite, o meu editor italiano, Carlo Feltrinelli, me convidou para jantar no restaurante Rovello 18, na Via Tivoli, em Milão. Já nos conhecíamos, porque ele tinha publicado três dos meus livros, e eu desejava falar sobre *No armário do Vaticano*. Havia mais de um ano que eu investigava a questão da homossexualidade na Igreja católica, multiplicando as entrevistas em Roma e em alguns países, lendo inúmeras obras, mas o meu projeto permanecia ainda hipotético. Tinha o tema, mas não sabia como escrevê-lo.

Durante algumas conferências públicas em Nápoles e Roma naquele ano, falando sobre os católicos gays, eu havia afirmado: “Um dia será necessário contar a história do Vaticano”. Depois, um jovem escritor napolitano relembrou essa frase e o jornalista de *La Repubblica* Pasquale Quaranta, um amigo que me acompanha desde então na preparação do livro, também me trouxe essa lembrança. Mas o meu tema continuava inominável.

Antes de ocorrer esse jantar, imaginava que Carlo Feltrinelli recusaria tal projeto; se assim fosse, eu teria abandonado o livro e *No armário do Vaticano* não teria visto a luz do dia. Mas aconteceu precisamente o contrário. O editor de Boris Pasternak, de Günter Grass e, mais recentemente, de Roberto Saviano me bombardeou com perguntas, questionou minhas ideias antes de me inspirar, para me encorajar a trabalhar, enquanto me deixava também com o pé atrás:

– Esse livro deveria ser publicado ao mesmo tempo na Itália e na França, para dar mais força à publicação. Vai ter imagens? Você também vai ter que me provar que sabe mais sobre isso do que diz.

Ele se serviu de um pouco mais de vinho, que era de uma boa safra, e continuou a refletir em voz alta. E, de repente, acrescentou, puxando o “s”:

– Mas eles vão tentar *asssssassiná-lo!*

Eu tinha acabado de receber a luz verde; me lancei na aventura e comecei todos os meses a passar um tempo em Roma. Mas ainda não sabia que teria que fazer a investigação em mais de trinta países e durante quatro anos. *No armário do Vaticano* será lançado. Custe o que custar!

No número 178 da Via Ostiense, no sul de Roma, fica a Al Biondo Tevere, uma popular *trattoria* italiana. Lá o Tibre corre aos pés da esplanada – daí o nome do restaurante. É um lugar comum, longe do centro, pouco frequentado e, no mês de janeiro, faz um frio tremendo. Por que raios Francesco Gnerre combinou de se encontrar comigo nessa espelunca tão afastada?

Gnerre, professor de literatura aposentado, dedicou uma parte importante das suas pesquisas à literatura gay italiana. Também assinou, durante mais de quarenta anos, centenas de críticas de livros em diversas revistas gays.

– Milhares de gays como eu construíram sua biblioteca lendo os artigos de Francesco Gnerre na *Babilonia* e na *Pride* – diz o jornalista Pasquale Quaranta, que organizou o jantar.

Gnerre escolheu o local intencionalmente. Foi na Al Biondo Tevere que o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini jantou, na noite de 1º de novembro de 1975, com Pelosi, o jovem prostituto que iria assassiná-lo algumas horas depois, numa praia de Ostia. Essa “última ceia”, imediatamente antes de um dos crimes mais horríveis e mais célebres da história italiana, foi alvo de uma estranha comemoração nas paredes do restaurante. Recortes de jornais, imagens das filmagens, cenas de filmes, todo o universo de Pasolini revive nas paredes laqueadas do restaurante.

– A maior associação gay italiana é o Vaticano – afirma, no lugar do *antipasti*, Francesco Gnerre.

E o crítico literário começou um longo relato, o da história das relações enredadas entre os padres italianos e a homossexualidade e, entre eles, questões em comum. Também revelou a homossexualidade de vários romancistas católicos e comentou sobre Dante:

– Dante não era homofóbico – explica Gnerre. – Há quatro referências à homossexualidade n’*A divina comédia* nas partes chamadas *Inferno* e *Purgatório*, apesar de não haver nenhuma no *Paraíso*! Dante simpatiza com seu personagem gay, Brunetto Latini,

que também é o seu professor de retórica. E, embora o coloque na terceira zona do sétimo círculo do inferno, respeita a condição homossexual.

Tomando o caminho das letras, do latim e da cultura para resolver o próprio dilema, o padre Francesco Lepore também passou anos tentando decifrar os não ditos da literatura ou do cinema — os poemas de Pasolini, Leopardi, Carlo Coccioli, as *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, os filmes de Visconti, sem se esquecer das figuras homossexuais n'A *divina comédia*, de Dante. A literatura desempenhou um papel importante na vida de muitos padres e homossexuais italianos que estão se sentindo mal consigo mesmos: “o mais seguro dos abrigos”, dizem.

— Foi pela literatura que compreendi muitas coisas — acrescenta Lepore. — Estava à procura de códigos e senhas.

Para tentarmos decifrar esses códigos, podemos nos interessar por outra figura-chave sobre a qual falamos com o universitário Francesco Gnette: Marco Bisceglia. Este teve três vidas. Foi cofundador da Arcigay, a principal organização homossexual italiana dos últimos quarenta anos e que, ainda hoje, reúne centenas de milhares de membros, distribuídos por comitês locais em mais de cinquenta cidades da península. Antes disso, Bisceglia era, a princípio, um padre.

— Marco foi para o seminário porque estava convencido de ter recebido um chamado de Deus. Disse que acreditava, de boa-fé, na sua vocação religiosa, quando na verdade a sua vocação foi algo que descobriu passados cinquenta anos: a homossexualidade. Durante muito tempo, reprimiu a sua orientação sexual. Julgo que esse percurso seja muito típico na Itália. Um rapaz que prefere a leitura ao futebol; um rapaz que não se sente atraído pelas moças e que não compreende muito bem a natureza dos próprios desejos; um rapaz que não quer confessar à família e à mãe sobre os seus desejos frustrados; era um pouco natural que tudo isso conduzisse os jovens homossexuais italianos aos seminários. Mas o que é fundamental no caso de Marco Bisceglia é que ele não foi hipócrita. Durante várias décadas, enquanto permaneceu na Igreja, não experimentou a vida gay; foi só depois que viveu a sua homossexualidade com os excessos dos recém-assumidos.

Esse retrato caloroso desenhado por Gnerre, que conheceu bem Bisceglia, esconde provavelmente os tormentos e as crises psicológicas desse padre jesuíta. Ele evoluiu em seguida para a teologia da libertação e parece que também teve problemas com a hierarquia católica, o que talvez tenha contribuído para sua conversão à militância gay. Voltou a ser padre no final da vida, depois dos anos de ativismo gay, e morreu de aids em 2001.

Três vidas, portanto: o padre; o militante gay que se opõe ao padre; o doente de aids, por fim, que se reconcilia com a Igreja. O seu biógrafo, Rocco Pezzano, que interrogo, continua espantado com “essa vida solta” em que Marco Bisceglia se encontrou, indo de fracasso em fracasso sem ter descoberto verdadeiramente o seu caminho. Francesco

Gnerre é mais generoso: põe em primeiro plano a sua “coerência” e o movimento de uma “vida dolorosa, mas magnífica”.

Padres e homossexuais: duas faces de uma mesma moeda? Gianni Delle Foglie, outra figura do movimento gay italiano, fundador da primeira livraria gay de Milão, que se interessava pelos escritores católicos homossexuais, proferiu esta frase célebre: “Os gays foram deixados quase sozinhos perante o Vaticano. Mas talvez seja melhor assim: deixem que fiquem juntos! A batalha entre os gays e o Vaticano é uma guerra entre bichas [*una guerra tra froci*]!”.

É em Roma que Francesco Lepore vive suas primeiras aventuras sexuais. Como no caso de muitos padres italianos, a capital, aquela de Adriano e de Michelangelo, foi reveladora das suas inclinações singulares. Descobre que o voto de castidade é pouco respeitado e que os homossexuais são maioria entre os padres.

— Me encontrei sozinho em Roma e foi então que descobri o segredo: com frequência os padres levavam uma vida devassa. Era um mundo totalmente novo para mim. Comecei uma relação com um padre que durou cinco anos. Quando nos separamos, atravessei uma crise profunda. A minha primeira crise espiritual. Como podia ser padre e, ao mesmo tempo, viver a minha homossexualidade?

Lepore aborda esse tema com os seus confessores e também com um padre jesuíta (a quem narra todos os pormenores) e, em seguida, com um bispo (a quem os poupa). Todos o exortam a persistir no sacerdócio, a não voltar a falar de homossexualidade e a não se sentir culpado. Fazem com que ele compreenda, sem rodeios, que pode muito bem viver a sua sexualidade, desde que se mantenha discreto e não faça dela um motivo de militância.

É nesse momento que o seu nome é proposto para um lugar na prestigiosa Secretaria de Estado, no palácio apostólico do Vaticano, algo equivalente aos serviços do primeiro-ministro do papa.

— Estavam à procura de um padre fluente em latim e, como circulava o rumor de que eu estava em crise, alguém propôs o meu nome. O monsenhor Leonardo Sandri, que depois veio a ser cardeal, entrou em contato com o meu bispo e me convidou para encontrar com as pessoas da seção latina. Fiz um teste de latim e fui contratado. Lembro de que, apesar de tudo, me alertaram, o que prova que sabiam que eu era gay, usando frases subentendidas. Disseram que “embora eu tivesse o nível que me qualificava para o cargo”, era necessário que começasse “a dedicar a minha vida ao papa e a esquecer todo o resto”.

No dia 30 de novembro de 2003, o padre napolitano chega à Domus Sanctæ Marthæ, a residência dos cardeais no Vaticano — e o domicílio atual do papa Francisco.